



Experiências agroecológicas protagonizadas pelo corpo discente da UFPB *Agroecological experiences carried out by the student body*

COSTA, Leonardo Oliveira da¹; ARAÚJO, Alexandre Eduardo de², CRUZ, Vive Sena³; ARAÚJO, Albertina Maria Ribeiro de⁴; ALMEIDA, Heloísa Santa Rosa de⁵; MELO, David Marx Antunes de⁶

¹ UFPB, leagro2017@gmail.com; ² UFPB, alexandre.araujo@academico.ufpb.br; ³ UFPB, vive.sena@academico.ufpb.br; ⁴ UFPB, albertinari@hotmail.com; ⁵ UFPB, santarosadealmeid.heloisa@gmail.com; ⁶ UFPB, davidatunes@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O desenvolvimento prático de tecnologias agroecológicas durante o processo de aprendizagem é essencial na compreensão dos conteúdos e serve como elo entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. O objetivo foi propiciar a sistematização de um espaço de formação do profissional em Agroecologia a partir de experiências instrumentais aplicadas no dia a dia de uma unidade de produção. O trabalho foi desenvolvido a partir do método da aprendizagem pela prática, baseado na pesquisa-ação participativa na consolidação de um espaço de práticas pedagógicas que tem como principal resultado o empoderamento do corpo discente sobre a gestão de técnicas agroecológicas.

Palavras-chave: juventude; protagonismo; ensino; organização social.

Introdução

A agroecologia pode ser definida como uma ciência, uma prática e um movimento. Como ciência, busca sistematizar os diversos conhecimentos acumulados pelos camponeses ao longo da história, fazendo uso de diferentes métodos científicos para corroborar a eficácia desses saberes. Propõe novas formas de abordagens no que diz respeito ao manejo dos agroecossistemas, tendo como embasamento as descobertas científicas realizadas através de pesquisas que buscam construir um modelo de desenvolvimento que seja pautado no tripé da sustentabilidade: socialmente justo, economicamente viável, ecologicamente sustentável.

De acordo com Altieri (2012), a agroecologia emerge como uma disciplina que disponibiliza os princípios ecológicos básicos sobre como estudar, projetar e manejar agroecossistemas que sejam produtivos e ao mesmo tempo conservem os recursos naturais, assim como sejam culturalmente adaptados e social e economicamente viáveis. A agroecologia, enquanto ciência tem o desafio de dialogar tanto com o conhecimento e cultura popular, quanto com o conhecimento técnico e científico (NICHOLLS; ALTIERI; L., 2016).

No campo dos movimentos sociais, a Agroecologia dialoga com os diferentes setores da sociedade civil organizada, tais como movimentos sociais do campo, sindicatos, associações, ONGS e movimentos estudantis, fortalecendo a luta de classes e a garantia de acesso a direitos fundamentais para reforma agrária, acesso



a água de qualidade, acesso a renda, tecnologia, saúde, educação, soberania e segurança alimentar para toda população. De acordo com Ribeiro et al. (2017), os movimentos sociais populares do campo incorporaram as reflexões sobre a Agroecologia em suas estratégias políticas, passando a contribuir, também, para o seu debate até os dias atuais.

Como prática, a Agroecologia pode coincidir em muitos aspectos com o início da agricultura (a mais de dez mil anos atrás) e ser considerada como um legado decorrente do aprimoramento do trabalho de camponeses, ribeirinhos, indígenas e comunidades tradicionais (FERREIRA et al., 2020).

Partindo da compreensão dos diferentes campos de abrangência da agroecologia, surgiu a necessidade de criar espaços onde esses campos de atuação pudessem convergir e se concretizar numa práxis agroecológica. De acordo com Freire (1987, p. 38) a práxis, é reflexão e ação dos sujeitos sobre o mundo para transformá-lo: “Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”.

A partir deste contexto, a área Agroecopedagógica tem início no final do ano de 2014, quando cerca de 10 estudantes dos cursos de Agroecologia e de Ciências Agrárias do campus III da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) decidem reivindicar um espaço onde pudessem vivenciar na prática os conhecimentos apreendidos em sala de aula. Após a reivindicação, a universidade disponibilizou, ao lado do bloco de aulas, uma área com dimensão de 5.000m². A área tem relevo plano, não rochoso, solo profundo e bem drenado, onde existia capim braquiária.

Dessa maneira, o objetivo deste trabalho foi realizar a sistematização das experiências desenvolvidas pelos estudantes de Agroecologia na Área Agroecopedagógica da UFPB, desde o seu surgimento até os dias atuais, por meio de um processo de resgate da memória coletiva contada pelos próprios estudantes.

Metodologia

Para a realização do presente estudo foram utilizadas as metodologias participativas do rio do tempo e grupo focal (LEITÃO, 2003). O estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza descritiva qualitativa, realizada com os estudantes do Bacharelado em Agroecologia. Utilizou-se a entrevista coletiva como instrumento de obtenção de informações. O período de realização desse estudo foi de Setembro a Dezembro de 2022.

Para realização do rio do tempo foi realizada uma oficina presencial, com cerca de 20 participantes, facilitada pelos próprios estudantes e com as/os estudantes do Curso de Agroecologia que participam de atividades na área agroecopedagógica. Esta oficina aconteceu no dia 08 de novembro de 2022 no bloco de aulas do curso de agroecologia. Também foi aberta uma sala virtual por meio do aplicativo *google meet*, onde nove estudantes egressos do curso de Agroecologia puderam participar



e dar suas contribuições de maneira *online* de forma simultânea enquanto a oficina acontecia presencialmente.

Primeiramente foi feita a harmonização do espaço para receber as/os estudantes, utilizando elementos que simbolizam e expressam características da área e da agroecologia, tais como: bandeiras dos movimentos sociais do campo, livros, sementes, tigelas de barro, frutas, poesias, cartilhas. A atividade foi iniciada com a realização de uma mística de abertura, onde as/os participantes, em círculo deram as mãos e houve uma rodada de falas, onde cada pessoa disse por meio de uma palavra o que a área representava para ela/ele, enquanto tocava uma música relacionada com o tema da terra ao fundo.

Foi explicado a cada participante como funcionava a metodologia e diálogo sobre a importância de fazer a sistematização para identificarmos quais foram as principais práticas desenvolvidas durante todo o processo histórico de construção da área. Assim, a história da área por meio da metodologia do Rio do Tempo, destacando os principais acontecimentos ocorridos durante seus quase sete anos de existência.

Os grupos focais consistiram em dois grupos de estudantes: os que já se formaram e os que ainda estão se formando. Foi aplicado um questionário aberto de caráter dissertativo para ambos os grupos, de estudantes ativos e egressos, contendo perguntas referentes a utilização da área Agroecopedagógica e o que esse espaço representou ou representa para eles(as).

Resultados e Discussão

As práticas desenvolvidas pelos estudantes se destinam a um projeto de educação libertadora pautado nos moldes da sustentabilidade. Observamos que as ações dos estudantes estão em sintonia com a Política Nacional de Educação Ambiental, aprovada no ano de 1999:

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

As práticas desenvolvidas também corroboram com a Ecopedagogia, Pedagogia da Terra ou Educação Sustentável, sendo esta uma das principais ferramentas pedagógicas utilizadas pelos estudantes. Na carta da Ecopedagogia encontramos a seguinte passagem:

...a sustentabilidade econômica e a preservação do meio ambiente dependem também de uma consciência ecológica e esta da educação. A sustentabilidade deve ser um princípio interdisciplinar reorientador da educação, do planejamento escolar, dos sistemas de ensino e dos projetos político-pedagógicos da escola. Os objetivos e conteúdos



curriculares devem ser significativos para o educando e também para a saúde do planeta (FREIRE, 1999, p.1).

As atividades desenvolvidas pelas/os estudantes estão inseridas dentro do contexto da ecopedagogia, pois acontecem de maneira interdisciplinar, explorando a multidimensionalidade contida na sustentabilidade e preocupando-se com o bem-estar do planeta e de todas/os seres vivos do planeta terra.

Segundo Gadotti (2005, p.34), para que tenhamos uma Ecopedagogia temos de realizar uma educação para o desenvolvimento sustentável, pois as questões econômicas que permeiam o ensino devem ser revistas para trabalharmos na formação do cidadão ambiental.

Noutro aspecto, a área foi construída enquanto um espaço de criação, experimentação e reprodução de tecnologias sociais agroecológicas. Dessa forma, servindo para replicação dessas tecnologias nas comunidades camponesas da região do Brejo paraibano, onde são desenvolvidas ações de extensão universitária, a exemplo do Sítio Matinha (Serraria-PB) e do Sítio Lagoa do Matias (Bananeiras-PB). Propondo soluções e alternativas que sejam viáveis, de baixo custo, de fácil acesso, que sejam sustentáveis e que possuam um alto potencial de transformação social, tais como organização social voltada à comercialização da produção, ao associativismo e à equidade de gênero.

O termo “tecnologias sociais” passou a ser utilizado no Brasil a partir do ano de 2005 para definir produtos, técnicas e/ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que represente efetivas soluções de transformação social (Barreto e Piazzalunga, 2012). Rodrigues e Barbieri (2008) apontam que a tecnologia social objetiva a construção de soluções construídas coletivamente pelas próprias pessoas que irão se beneficiar destas soluções, o que permite a autonomia de seus usuários. Dentre as principais tecnologias sociais utilizadas, podemos citar: cerca viva, nucleações, compostagem, biofertilizantes, fosfito, sistemas agroflorestais, bioconstrução, armazenamento de água de chuva, policultivos, água de vidro, microrganismos eficientes.

Conclusões

A conquista da área pelos estudantes foi resultado do processo da organização e luta coletiva da classe estudantil (principalmente das/dos estudantes do curso de agroecologia) em prol de obter um espaço onde a agroecologia possa ser construída em suas diferentes esferas: como ciência, movimento, e prática. A área se caracteriza como um campo de atividades pedagógicas e de experimentações onde são desenvolvidas e testadas uma série de práticas e tecnologias sociais agroecológicas.

Configura-se como um local de exercício da autonomia estudantil dentro do campus, um espaço de acolhimento para estudantes em situação de



vulnerabilidade socioeconômica que estão ingressando no curso e um local de encontro de estudantes do curso de agroecologia, de outros cursos e do público externo da universidade, o que propicia o intercâmbio de saberes entre universidade, camponesas/camponeses e estudantes na construção do conhecimento agroecológico.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. 3. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

BARRETTO, S. F. A.; PIAZZALUNGA, R. Tecnologias sociais. **Ciência e Cultura**, v. 64, n. 4, p. 4-5, 2012.

BRASIL. Lei n o 9.795, de 27 de abril de 1999: dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 28 de abril de 1999.

FERREIRA, C. L. R.; PEREIRA, K. A. EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA: ARTICULANDO PRÁTICA, MOVIMENTO SOCIAL E CIÊNCIA. **Cadernos Cajuína**, v. 5, n. 3, p. 280-299, 2020.

FREIRE, P. **Carta da Terra na perspectiva da educação**. São Paulo: Instituto Freire, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Ecopedagogia e educação para a sustentabilidade**. Canoas: Gráfica da ULBRA, 2005.

LEITÃO, B. J. M. **Grupos de foco: o uso da metodologia de avaliação qualitativa como suporte complementar à avaliação quantitativa realizada pelo Sistema de Bibliotecas da USP**. 2003. 131f. Dissertação (Mestrado em Comunicações e Artes), ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NICHOLLS, C. I.; ALTIERI, M. A.; L., V. Agroecology: Principles for the Conversion and Redesign of Farming Systems. **Journal of Ecosystem & Ecography**, v. S5, n. 010, 2016.

RIBEIRO, D. S. et al. **Agroecologia na Educação Básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

RODRIGUES, I; BARBIERI, J. C. **A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável**. 2008.